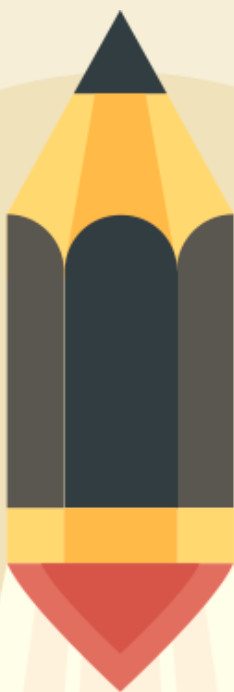


PROGRAMA ESCOLA E COMUNIDADE



OFICINA PEDAGÓGICA

CONSELHO ESCOLAR E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO ESCOLAR

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica – SEB

Diretoria de Formação Docente e Valorização de Profissionais da Educação – DIFOR

Coordenação-Geral de Formação de Gestores e Técnicos da Educação Básica – CGFORG

Programa Escola e Comunidade – PROEC



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Brasília/DF
2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO.....	6
CADERNO DO FACILITADOR	9
Função do facilitador.....	9
Perfil do facilitador.....	10
Preparo do facilitador para a oficina.....	11
Antes do encontro/ da oficina	11
Durante o encontro/ a oficina	11
Depois do encontro/ da oficina	12
CADERNO DO PARTICIPANTE	14
Função do participante.....	14
Perfil do participante.....	15
Preparo do participante para a oficina.....	16
Antes do encontro/ da oficina	16
Durante o encontro/ a oficina	16
Depois do encontro/ da oficina	17
OFICINA	19
Descrição da oficina	19
Objetivos	19
Metodologia	20
Competências a serem desenvolvidas.....	20
Público-alvo	21
Recursos necessários	21
Recursos Humanos.....	22
Recursos Materiais	22
Recursos Digitais	22
Recursos Financeiros.....	22
Local.....	25
Tempo	25
Divulgação.....	25
Impacto esperado.....	26
Referências.....	26
ETAPAS DA OFICINA	26
Primeira etapa	26
Segunda etapa	27
Terceira etapa.....	27
ENCONTROS DA OFICINA.....	28
Primeiro encontro	28
Tema	28
Roteiro detalhado	29
Objetivos	33
Recursos.....	33
Avaliação.....	33
Segundo encontro.....	33
Tema	34
Roteiro detalhado	34
Objetivos	38

Recursos.....	38
Avaliação.....	38
Terceiro encontro	38
Tema	39
Roteiro detalhado	39
Objetivos	42
Recursos.....	43
Avaliação.....	43
Quarto encontro	43
Continuidade	44
MATERIAL DE APOIO	44
Livros	44
Vídeos	45
Curso.....	46
ANEXOS.....	47
ANEXO A: Dinâmica sobre os tipos de perfis	47
ANEXO B: Conselho Escolar e os perfis dos sujeitos.....	48
ANEXO C: O que é e os sujeitos no Conselho Escolar	49
ANEXO D: Dinâmica sobre o jogo “Quem sou eu?”	50
ANEXO E: A participação no Conselho Escolar.....	53
ANEXO F: Trilha formativa dessa oficina.....	54
ANEXO G: Organização dos encontros.....	55
ANEXO H: Avaliação dos facilitadores	56
ANEXO I: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo	57

APRESENTAÇÃO

A oficina apresentada nesse documento é uma proposta pedagógica vinculada ao **Programa Escola e Comunidade**. A divulgação de saberes e a democratização do acesso ao conhecimento apresentado nesse documento é parte do compromisso do Programa Escola e Comunidade.

OFICINA: Conselho Escolar e a participação social no contexto escolar

PÚBLICO-ALVO: Estudantes, professores, diretores de escola, famílias, profissionais da educação, representantes da comunidade local e conselheiros escolares (todo o corpo escolar)

PERIODICIDADE: Oficina com ciclo de três etapas, sendo cada encontro semanal ou quinzenal, com atividades presenciais.

DIVULGAÇÃO: Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar. Também podem ser usados os meios digitais, com publicação nas redes sociais ou no *site* da unidade escolar (caso possua). Meios físicos podem, e devem ser usados de forma a intensificar o convite: produção de cartaz e/ou banner na entrada da escola, pátio e/ou murais.

FINALIZAÇÃO: Divulgação da oficina na aba “Projetos da Escola”, no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina.

Jéssica Veloso Morito, Maria Cecília Luiz. [Autoras.]

Conselho Escolar e a participação social no contexto escolar. [Oficina pedagógica]. São Carlos: Autoras, 2023. [Documento Eletrônico]. – Brasília/DF.

RECURSO DIGITAL FORMA DE ACESSO: World Wide Web

CAPA/DIAGRAMAÇÃO/IDENTIDADE VISUAL: Jéssica Veloso Morito

FORMATO: PDF.

ISBN: [digital]

1. Oficina. 2. Educação. 3. Programa Escola e Comunidade. I. Título.

CDD – 371.37

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Recurso Educacional Aberto (REA)

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores. Além disso, é proibida a venda desse material que possui distribuição gratuita.

INTRODUÇÃO

O Programa Escola e Comunidade propõe ações articuladas que visam atender as necessidades de formar cidadãos plenos de capacidades e saberes. Como uma política pública de educação de abrangência nacional, para sua exitosa implementação, irá requerer muito além de uma simples adesão por parte do ente federativo; mas a colaboração de cada indivíduo como parte fundamental no funcionamento dessa engrenagem.

Nessa perspectiva, surgem como ações práticas para tecer laços entre a família e a escola, em prol da consolidação de novos rumos que transformem a educação: as oficinas pedagógicas. As oficinas são ferramentas no processo de aprendizagem que fomentam a construção de identidades voltadas para a reflexão com base nas experiências vivenciadas no chão da escola.

As oficinas pedagógicas são sistemas, em que o ensino e a aprendizagem acontecem na troca de conhecimentos através da realização de dinâmicas, em que se valoriza o conteúdo em sua totalidade, ligando os ensinamentos científicos, os saberes e os conteúdos adquiridos pela vivência (do cotidiano) (LEITE; VIDA, 2022).

Pensando nesse processo interligado na construção de novas aprendizagens, algumas temáticas, sejam elas por suas complexidades ou sensibilidades, podem ser trabalhadas em oficinas pedagógicas. Esse é o caso do tema do **conselho escolar**.



Mas, afinal, o que é o conselho escolar?

Conselho Escolar é um colegiado que possibilita a partilha de poder e a participação dos diferentes agentes escolares nas deliberações da e sobre a escola, cujo intuito é respeitar as diferentes visões de mundo e tomar decisões coletivas em prol da qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudantes. Assim, visa à democracia participativa, em uma educação pensada de forma horizontal, com perspectivas de corresponsabilidade com o compromisso de todos os agentes da escola.

O Conselho Escolar no Brasil representa as comunidades escolar e local, atuando de forma coletiva para definir caminhos e deliberar sobre responsabilidades. Historicamente, a criação e operação desses órgãos de apoio, tomada de decisões e controle público da sociedade civil têm um significado relevante. O Conselho Escolar é um espaço de participação, discussão, negociação e encaminhamento das demandas educacionais, promovendo uma perspectiva democrática e participativa na gestão escolar.



E o quais são as funções do Conselho Escolar?

O Conselho Escolar possui as funções deliberativa (tomada de decisões coletivas), consultiva (com o coletivo entendem as demandas de todos os setores da escola e debatem sobre isso), mobilizadora (quando partem para colocar em prática as soluções e as demandas propostas pelo coletivo), fiscal (organizar e regulamentar por meios dos instrumentos legais), financeira (custos e decidir o que será feito com as verbas disponíveis) e pedagógica (desenvolver o trabalho pedagógico, de modo ético, democrático e para todos).

O conselho escolar desempenha um papel crucial na gestão e desenvolvimento das escolas. É uma instância de participação e tomada de decisões que envolve pais, professores, funcionários e os membros da comunidade local. O conselho escolar é responsável por aconselhar a administração da escola, ajudar na elaboração de políticas educacionais, aprovar orçamentos e promover a comunicação entre a escola e a comunidade. Sua participação ativa promove uma maior transparência e envolvimento na educação dos alunos.

Por isso, é importante criar espaços de escuta ativa (escutar para além da sonoridade, mas como o corpo fala, a voz, os gestos, etc.) através de consensos que incentivem a prática de ações colaborativas (com a participação de todos, em todo o processo) e espaços para as falas (com a garantia de que todo e qualquer sujeito possa ser escutado).

No fim, as oficinas vêm ao encontro dessa proposta, porque acontecem na troca de conhecimentos, ou seja, é necessário que todos participem, sejam escutados e tenham a garantia de ter o que dizem/argumentam/opinam levado em consideração com o mesmo peso que qualquer outra contribuição; construindo conjuntamente as decisões e os caminhos que serão tomados; assim o resultado terá a intervenção de todos.

CADERNO DO Facilitador

CADERNO DO FACILITADOR

O facilitador será a pessoa que desempenhará a função de orientar, instruir e mediar a atividade na oficina.

Função do facilitador

O facilitador é o indivíduo, seja ele um profissional de determinada área ou algum participante da comunidade escolar, que trata do processo de aprendizagem e ensino. Ele é designado para auxiliar tanto no individual, quanto em grupos. É dele a função de conduzir o grupo, estimulando nas mais diversas formas as interações.

É função do facilitador possuir algum domínio, seja por já ter conhecimento na área ou por estudar previamente sobre o tema para conduzir a oficina, do que será abordado; além disso, deve procurar meios de intervir para desenvolver o potencial dos participantes, como também mediar quando houver qualquer conflito. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em dar suporte para que a colaboração aconteça.

O facilitador é um líder. Essa liderança deve conduzir ao bem comum, criando um espaço de confiança, potencializar a capacidade do grupo de criar soluções e caminhos para os fins almejados. Outro ponto, o facilitador é capaz de identificar as fortalezas e dificuldades dos participantes do grupo, fazendo mediações para que todos os participantes desenvolvam a autonomia; ressignificando o exercitar do pensar e se colocar em meio a um grupo/coletivo: aprender a importância da liberdade de expressão.

O facilitador tem a função de conduzir a atividade proposta na oficina, sendo necessário ao menos um para cada encontro, podendo ser o mesmo para todos os encontros, ou alternado com outras pessoas, caso necessário. A escolha deve considerar a finalidade do encontro, considerando o perfil do facilitador; contudo, o preparo para essa ação deve ser igual para quem quer que seja.

O facilitador é responsável por um grupo de participantes, atuando no acompanhamento das interações desse conjunto. O contato com o grupo deve ser próximo, e sempre que possível, contínuo, oferecendo ajuda durante os encontros, além de fazer o resgate semanal do que já foi abordado/discutido, com o objetivo de aproximar

os participantes, entre si e com a atividade, e diminuir o índice de desistência (possível) da oficina.

Perfil do facilitador

O facilitador deve ser parte do grupo que conduzirá a oficina. Quando houver convidados externos, sempre deve haver alguém do corpo escolar no processo de mediação, mesmo que não atue diretamente naquele encontro.

Além disso, ele precisa escutar não apenas o que é dito, mas compreender os valores por trás dos discursos das pessoas, seus modos de se comunicarem, como as expectativas e as frustrações dialogam entre si e com aquele dado grupo.

A atuação do facilitador exige estratégias de planejamento, interação, mediação, acompanhamento e avaliação das diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração.

Espera-se do facilitador as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar os encontros da oficina)
- Gestão de grupos (Saber liderar pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir mediar situações de discordância ou desavenças)
- Habilidades socioemocionais (Sem julgamentos considerando valores pessoais)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)
- Liderança (Entender que ser um facilitador é ser um líder naquele dado grupo/coletivo)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar antes da oficina e após os encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Estar disposto a fazer antes de ser solicitado, prever a demanda)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar, solicitar e repreender de forma construtiva)

- Criatividade para manter os participantes engajados na oficina/atividade
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo. Caso haja a necessidade de levar algo para fora da confiança do grupo, consultar os envolvidos antes)

Preparo do facilitador para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma avaliação para validar o que deu certo e adaptar/mudar o que apresentou falhas ou não foi eficiente.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para rever o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar falas para situações que precisam de intervenção e passaram despercebido;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas e/ou outro meio de gravação do que for dito;
6. Fazer todo e qualquer informe necessário, com antecedência, e para todos;
7. No dia, organize o espaço previamente, para poder se dedicar ao acolhimento das pessoas na chegada.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para fazer as anotações e/ou outro meio de gravação do que for dito; (Informar que será para recapitular o que for dito para retomada da semana seguinte)
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias do que pode ser significativo;
4. Mediar e abrir ao entendimento em divergências e eventuais conflitos;
5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Incentive a participação de todos: todo mundo importa;
10. Explique os conceitos/conteúdos;

11. Explique a proposta de atividade daquele encontro;
12. Direcione a atividade;
13. Finalize a atividade (Faça um fechamento do que foi solicitado, do que foi dito e do que foi apresentado);
14. Por fim, organize o espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar).

Depois do encontro/ da oficina

1. Estar à disposição para sanar possíveis dúvidas ou questionamentos dos participantes;
2. Guardar toda a produção, se houver, daquele encontro, seja ela física ou digital;
3. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
4. Propor encaminhamentos se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
5. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.



P CADERNO DO Participante

CADERNO DO PARTICIPANTE

O participante é qualquer pessoa da comunidade escolar que desempenhará a função de participar, contribuir e realizar a atividade na oficina.

Função do participante

O participante é o indivíduo, seja ele alguém da equipe pedagógica, administrativa, familiar, estudantes ou de serviços, ou seja, participante da comunidade escolar, que participa como foco no processo de aprendizagem e ensino. Ele é o indivíduo, em sua singularidade, mas também o coletivo, em formato de grupos. A função dele é ser parte do grupo, sendo parte das diversas formas de interações, como protagonista, na maioria das vezes.

É função do participante se envolver na análise de sua própria realidade e na interação entre os membros com as situações abordadas. O participante é um indivíduo que busca seus interesses, se identificando com o grupo (ou não), assim toma consciência da sociedade e dos valores que norteiam suas escolhas, das diferenças e onde/como podem exercer sua máxima participação.

São nesses espaços que o participante reconhece o valor e pertinência da participação, como agente de mudança para a compreensão e redução de sua vulnerabilidade, e da sua contribuição para o todo social, através do empoderamento e de ações que o envolvam. Assim, o participante entende que suas ações nas atividades transcendem o âmbito de seus interesses, sejam individuais ou coletivos, e que podem ter como espaço a escola, através de mobilizações. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em saber receber e pedir suporte para que a colaboração aconteça.

O participante é um protagonista. Esse protagonismo reconhece potencialidades e valores que resultará no desenvolvimento integral e em melhorias para a coletividade. Outro ponto, o participante pode não ser capaz de identificar suas fortalezas e dificuldades, sendo necessário que estejam dispostos a ressignificar seus preceitos e “achismos”, entendendo que a liberdade de expressão requer um senso crítico na consolidação dos seus posicionamentos.

O participante tem a função de contribuir para a realização da atividade proposta na oficina, sendo necessário participar de cada encontro, ou da grande maioria dos encontros. Deve compreender que cada encontro possui uma finalidade, e que deve haver um preparo para essa ação.

O participante deve procurar criar laços com grupo, e sempre que possível, oferecer ajuda, ou solicitá-la, durante os encontros, além de fazer um resumo semanal do que já foi abordado/discutido e considerou importante, ou teve dúvidas, e contribuir para a consolidação da oficina.

Perfil do participante

O participante é parte do grupo e da oficina, ou seja, alguém do corpo escolar ou da família. Quando houver convidados externos, sempre deve haver o direcionamento sobre recapitular os acordos estabelecidos pelo coletivo, além de uma breve apresentação para iniciar o acolhimento.

Além disso, ele precisa expressar não apenas o que é questionado, mas compreender os valores por trás dos discursos que temos, nossos modos de se comunicar, como as expectativas e as frustrações que temos dialogam entre si e com aquele dado grupo, podendo gerar conflitos.

A atuação do participante exige estratégias de interação e avaliação nas diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração construtiva, ou seja, parte de cada etapa e na construção do todo proposto.

Espera-se do participante as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar suas falas dentro do tempo nos encontros da oficina)
- Inteligência emocional (Saber lidar com as diferentes pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir lidar com situações em que é contrariado)
- Habilidades socioemocionais (Lidar com as diferenças e sentimentos diversos)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)

- Protagonismo (Entender que ser um participante é ser um protagonista nas interações)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à sua participação na oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar para estar nos encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Disposição para fazer antes de ser solicitado)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar e expor o que realmente quis dizer)
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo, criar o laço da confiança)

Preparo do participante para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma autoavaliação para validar o que atingiu as expectativas e adaptar/mudar o que apresentou falhas, não foi eficiente ou gerou frustrações.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para entender o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar dúvidas que passaram despercebidas para serem perguntadas;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas ou outro meio de registro do que achar importante;
6. Se despir de todo “achismo” ou preconceitos existentes ao diferente;
7. No dia, organize seu tempo, para chegar com antecedência, e poder auxiliar, caso precisem.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para questionamentos e/ou outras colocações pertinentes;
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias dos outros e que pode ser significativo;
4. Se colocar na postura de aprendizado com divergências e eventuais conflitos;

5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Respeite a participação de todos: todo mundo importa;
10. Escute com atenção os conceitos/conteúdos apresentados;
11. Escute a proposta de atividade daquele encontro apresentado;
12. Realize a atividade;
13. Esteja a disposto(a) a ser parte do grupo, da atividade, da oficina;
14. Por fim, auxilie na organização do espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar)

Depois do encontro/ da oficina

1. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
2. Anotar as dúvidas, se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
3. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.

Oficina

OFICINA

A proposta é promover uma oficina teórica e prática, dividida em trilhas formativas desenvolvida em encontros presenciais. Esse percurso de formação é ofertado a comunidade escolar e a família, que poderão adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre o conselho escolar e aprimorar as habilidades e as competências de forma inovadora e criativa para se tornarem bons mediadores participativos.

Os membros da comunidade escolar terão a oportunidade de percorrer os espaços de formação, passando pelos conhecimentos teóricos (os aspectos conceituais e legais sobre os conselhos escolares) até os aspectos práticos (farão estudos de casos, explanaram sobre as vivências em situações desencadeadora e aprenderão a romper com espaços centralizadores). Os encontros serão dirigidos pelo(s) facilitador(es), direcionado às pessoas da comunidade escolar e local para que possam atuar como multiplicadores dos assuntos relativos ao conselho escolar da unidade a que pertencem.

Descrição da oficina

Quando pensamos no trabalho sobre os conselhos escolares é necessário um olhar mais cuidadoso, pois muitas vezes é necessário compreender os espaços para além da materialidade (algo concreto), mas compreender a subjetividade, representações, sentimento de pertencimento e qualquer outra ação que possa dar o “indicativo de resposta” ao que é proposto.

Assim pensamos, em alguns passos, como também proposta de atividades para essa oficina.

Objetivos

Essa oficina tem como objetivo geral propor estratégias de intervenção para compreender a função do Conselho Escolar. Quanto aos objetivos específicos, temos:

- Fortalecer a participação da família nos espaços escolares;
- Formar sobre o que é o Conselho Escolar;
- Estimular a troca de experiência entre os membros da comunidade escolar;
- Conhecer as ações que podem ser realizadas com foco na melhoria das relações na escola;

- Estudar sobre competências socioemocionais, focando no saber falar em público; e
- Identificar os problemas da escola e encontrar alternativas que possam gerar soluções.

Metodologia

A oficina será organizada em encontros presenciais com ofertas de conhecimentos teóricos e práticos sobre o Conselho Escolar, apresentada de forma participativa, colaborativa e crítico-reflexiva. A aprendizagem acontece num espaço de ação e reflexão, articulando o cotidiano, o conhecimento social e o conhecimento científico/acadêmico, possibilitando contextualizar a realidade.

Competências a serem desenvolvidas

As competências podem ser entendidas como sendo o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) necessárias ao desempenho de determinadas funções, visando o alcance dos objetivos estabelecidos. Segundo a BNCC (2016), e adaptando a proposta da oficina temos:

Tabela: Competências a serem desenvolvidas na Educação Básica

CONHECIMENTO	Valorizar e utilizar os conhecimentos físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
CRIATIVIDADE	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria da reflexão, da análise crítica, e da imaginação, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
CULTURA DIGITAL	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.

DIVERSIDADE	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações sociais alinhadas ao exercício da cidadania, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
COMUNICAÇÃO	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos.
EMPATIA E COOPERAÇÃO	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza

Fonte: Adaptado da BNCC (2016).

Público-alvo

Estudantes, professores, diretores escolares, famílias, profissionais da educação, representantes da comunidade local (todo o corpo escolar). O foco da proposta é para escolas que atendam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Recursos necessários

Os recursos são componentes do ambiente da aprendizagem (GAGNÉ, 1975) que fomentam à estimulação para o ensino e a aprendizagem. Quando são usados com potencialidade, colaboram para motivar e despertar o interesse dos participantes desenvolvendo a experiência concreta.

É importante reforçar que não é necessário procurar recursos novos e complexos; mas é inegável a importância de entender (e se possível dominar) a usabilidade das

ferramentas propostas. Se for incrementar as atividades nos encontros, garanta que o facilitador saiba como conduzir o que é proposto.

Recursos Humanos

Para a implementação da oficina, a Escola poderá fazer parcerias com *profissionais* aptos a desenvolver o trabalho com a comunidade escolar.

- 1 facilitador (no mínimo)
- Monitores (caso precisem)
- Comunidade escolar

Recursos Materiais

- Canetas
- Folhas ou bloco para anotações
- Caixa de som
- Lista de presença

Recursos Digitais

Os equipamentos eletrônicos a serem disponibilizados pela escola não podem integrar as despesas com a oficina.

- Wi-fi (rede para internet)
- Notebooks ou Celulares

Recursos Financeiros

- O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola, incluindo essa proposta de oficina.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados apenas na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta oficina.



GASTOS COM CUSTEIO

As despesas com custeio são aquelas que correspondem aos gastos para manutenção dos serviços ou na aquisição de um bem de capital que não ficará como patrimônio, por exemplo, materiais para as oficinas.

GASTOS COM CAPITAL

As despesas com capital são aquelas que correspondem aos gastos para a produção ou geração de novos bens, ou serviços que ficarão como patrimônio, por exemplo, móveis/eletrônicos para a escola.

RECURSOS FINANCEIROS

O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas pelo Programa Escola e Comunidade para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta ação.

Os profissionais de educação integrantes da rede de ensino não podem integrar as despesas com a Visita Guiada.

Então, o que pode ou não pode comprar com os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família que são de CUSTEIO?

PODE ✓	NÃO PODE ✗
Materiais para a oficina	Eletrônicos para a escola
Folhas, cadernos, canetas etc. para realização da oficina	Computadores para a escola
Impressão (específica) de material para a oficina	Impressoras para a escola
Itens para cada um dos participantes para usar na oficina	Prêmios ou presentes
Contratação de palestrantes	Gastos com pessoal (salário, férias, 13º, diárias e passagens)
Itens para compor o espaço necessário para a oficina	Reformas ou ampliação de áreas construídas

Para saber mais, acesse o Guia de Execução dos Recursos do PDDE, acessando o [link](https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIADEEXECUODOSRECURSOSDOPDDEv4FINAL.pdf):
<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIADEEXECUODOSRECURSOSDOPDDEv4FINAL.pdf>

De acordo com orientação do FNDE, **é permitida a contratação de pessoa física para o desenvolvimento de atividades** previstas no Plano de Ação da escola. Nesse caso, pode ser aceito recibo como documento probatório da despesa, desde que nele constem, no mínimo, as especificações dos serviços, o nome, CPF, RG, endereço, telefone e a assinatura do prestador.

Vale ressaltar que **não é permitida a contratação de profissional da escola** para o desenvolvimento das atividades previstas no Plano de Ação da escola.

De acordo com a Resolução FNDE nº 15, de 16 de setembro de 2021, é vedada a aplicação dos recursos do PDDE e Ações Integradas em:

I – implementação de outras ações que estejam sendo objeto de financiamento por outros programas executados pelo FNDE, exceto aquelas executadas sob a égide das normas do PDDE e Ações Integradas (Exemplo: Livros didáticos já distribuídos pelo PNLD);

II – gastos com pessoal (Ex: contador; secretária);

III – pagamento, a qualquer título, a:

- a) agente público da ativa por serviços prestados, inclusive consultoria, assistência técnica ou assemelhados;
- b) pagamento por serviços prestados por servidor público da ativa, ou empregado de empresa pública ou de sociedade de economia mista em empresas privadas que tenham servidor público em seu quadro societário, mesmo que o serviço prestado se trate de consultoria, assistência técnica ou assemelhados;
- c) despesas de manutenção predial, tais como aluguel, conta de telefone, água, luz e esgoto;
- d) despesa de caráter assistencialista (Ex: uniforme, material escolar para o aluno).

IV – cobertura de despesas com tarifas bancárias não previstas em acordo entre o FNDE e o Banco do Brasil;

V – dispêndios com tributos federais, distritais, estaduais e municipais, quando não incidentes sobre os bens adquiridos ou produzidos ou sobre os serviços contratados para a consecução dos objetivos do PDDE e Ações Integradas;

VI – passagens e diárias;

VII – combustíveis e materiais para manutenção de veículos e transportes para atividades administrativas;

VIII – flores, festividades, comemorações, coquetéis, recepções, prêmios, presentes;

IX – reformas de grande porte e ampliação de áreas construídas.

Local

Uma sala ou outro espaço devidamente preparado para os encontros. Esse espaço deve ser minimamente equipado com os materiais solicitados para aquele dado encontro, caso seja necessário. Também, é importante pensar num espaço para as crianças menores que podem ir acompanhando os familiares, uma vez que pode ocorrer de não terem com quem deixar e ter que leva-los até o encontro. Pensar num espaço acolhedor, é literalmente **acolher a todos, sem exceções!**

Tempo

A oficina é desenvolvida em ciclo de três etapas. Na primeira etapa há a construção dos espaços de acolhimento; na segunda há os encontros semanais ou quinzenais, com atividades presenciais; e por fim, há a autoavaliação com encaminhamentos de ações permanentes para consolidar as práticas do Conselho no espaço escolar.

1. Identificar as ações do Conselho Escolar;
2. (R)Estabelecer as relações sociais na escola;
3. Criar espaços de acolhimento;
4. Formar sobre o que são as funções do Conselho Escolar;
5. Fomentar ações para incentivar a participação de todos na escola.

Divulgação

A divulgação é uma etapa fundamental para a efetividade da oficina. Afinal, para que a oficina ocorra é necessário a adesão da comunidade escolar. E como ter essa participação? O passo inicial é divulgar: levar a informação ao maior número de pessoas. Esse convite deve ser atrativo, instigar a curiosidade e despertar o desejo de fazer parte.

Assim, temos como (possíveis) propostas:

- Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar.
- Chamar oralmente: pessoas convidam pessoas diretamente.
- Publicação nas redes sociais ou no site da unidade escolar (caso possua).
- Produção de cartaz e/ou banner, fixado na entrada da escola, pátio e/ou murais.

Impacto esperado

A oficina tem como foco o fortalecimento e estímulo da participação qualificada da família e da comunidade na escola. Como impacto esperado se tem:

- Aumento da interação das famílias e da comunidade nas ações da escola;
- Compreensão sobre a atuação do Conselho Escolar;
- Construção de um espaço acolhedor, onde todos sintam vontade de estar; e
- Validação das relações mais saudáveis.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016.
- GAGNÉ, R. *Como se realiza a aprendizagem*. Rio Janeiro: Cosmos, 1975.

ETAPAS DA OFICINA

A oficina é uma metodologia de trabalho que prevê a formação colaborativa, prevendo momentos de interação e troca de saberes, a partir da horizontalidade, na construção do que é proposto. Optamos por propor a construção dessa oficina em três etapas, pensando em passos importantes: a construção do espaço de acolhimento, usado para os encontros da oficina; os encontros que ocorrem semanal ou quinzenalmente; e a finalização com encaminhamentos para práticas de prevenção de violência na escola.

Primeira etapa

A primeira etapa é a construção do espaço de acolhimento, local também em que ocorrerá os encontros. Essa construção pode ser fixa ou móvel, pensando na usabilidade do espaço.

Posso deixar esse espaço fixo, sem gerar prejuízos para as outras atividades na escola?

Se sim, a construção pode ser fixa, o que poupa o trabalho antes dos encontros.

Se não, a construção deve ser móvel, sendo colocada antes e retirada após os encontros.

O espaço de acolhimento serve a propósitos específicos: acolher e dar a sensação de segurança. É um espaço de conforto, de reflexão, para resgatar os vínculos, reforçando o colaborativo, evitando o distanciamento entre o "eu", o "outro" e o "nós".

CONSTRUÇÃO: Pode ter foto de familiares, desenhos, leis, notícias sobre o Conselho Escolar, o Regimento da Escola, o Projeto Político Pedagógico e/ou objetos que os participantes tenham algum apego. O principal é que seja um local, fisicamente, com espaço para rodas de conversas e atividades que necessitem andar/transitar; simbolicamente, seguro, onde as pessoas se sintam acolhidas e partes daquele todo.

Segunda etapa

A segunda etapa corresponde aos encontros, eles serão direcionados por um facilitador, que preferencialmente deve ser alguém da comunidade escolar. Essa etapa será melhor descrita ao longo desse manual.

Terceira etapa

A terceira etapa, e final, se baseia na divulgação. É sobre os encaminhamentos decorrentes do que foi estudado, refletido e abordado durante os encontros e será revertido em ações para a comunidade escolar. Como também, a divulgação na aba "Projetos da Escola", no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina; colocando todas as adaptações, rearranjos e alterações realizadas no decorrer dessa proposta que viabilizaram novos olhares e possibilidades.

Será necessária uma avaliação, para rever o que causou impactos positivos e o que não cumpriu o esperado, mas pode ser aproveitado (com adaptações) ou deve ser descartado. Para isso podemos usar os seguintes questionamentos:

De onde viemos?

Onde estivemos?

Para onde queremos ir?

Defina um tema, recapitule tudo o que ocorria antes, resgate tudo o que foi dito/trabalhado, e por fim estabeleça as mudanças visíveis (de imediato) e as em construção.

Por fim, pegar todas as considerações, que foram discutidas na oficina, transformá-las em propostas de ações para fundamentação do Conselho Escolar, suas funções no contexto escolar (intervenção e mediação) e intensificação das relações com respeito as diferenças; pensando em espaços de representatividade na/para a comunidade escolar; além de reformulações do Projeto Político Pedagógico (PPP) desse novo viés da escola. Consolidando as vivências nessa oficina como algo que constitui o próprio todo escolar.

ENCONTROS DA OFICINA

Os encontros são os momentos de interação entre a comunidade escolar em que há a abordagem de uma determinada temática. O ideal é que aconteçam semanalmente ou, no máximo, quinzenalmente. Devem ser mediadas por um facilitador que, preferencialmente, deve ser um membro da comunidade escolar.

Primeiro encontro

O primeiro encontro é o momento de compreender seu papel e dos outros nas relações, principalmente quando pensamos no coletivo do Conselho Escolar. É a primeira interação do grupo, nesse espaço é que se deverá consolidar os primeiros vínculos e laços, visando compreender o papel de cada indivíduo no grupo: pensando nas suas contribuições e possíveis limitações.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do primeiro encontro será **os perfis dos sujeitos no Conselho Escolar**. Compreender os diferentes tipos de sujeitos, num dado grupo, principalmente no Conselho

Escolar, além de permitir conhecer a si mesmo e o outro, contribui para articular um trabalho que potencialize o que cada um tem a oferecer e, possivelmente, amenize conflitos por frustrações de algo que não foi possível ser cumprido devido ao próprio perfil do indivíduo.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Que perfil é o meu?”

Todo participante receberá um papel (ANEXO A) para anotar aspectos que acredita serem condizentes com sua personalidade e anotar seu nome (de preferência completo, para não haver coincidências de nomes).

Após essa escrita, deverá dobrar o papel, com a parte escrita para dentro, e colocar dentro de um saquinho. Com todos os papéis (de todos os participantes) dentro do saco, deverá passar por cada um dos participantes (no sentido circular). Com o saquinho na mão, o participante “sorteia” um papel e lê o que está escrito.

No fim da leitura do papel, quem escreveu se identifica. E tem um tempo, no máximo 3 (três) minutos, para fazer uma breve apresentação. No fim da sua apresentação, o coletivo tenta socializar o perfil que acredita que aquela pessoa se encaixa (pelos pontos elencados), em seguida, a pessoa pega o saco e sorteia outro papel, assim sucessivamente até todos terem participado.

Caso a pessoa sorteie o papel onde fez as suas anotações, deve apresentar e depois escolher alguém para dar continuidade.

Quando todos tiverem lido, o facilitador deve recolher o saquinho e fazer um breve fechamento, pedindo que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre quantas coisas foram ditas: o que nos aproxima, o que nos assemelha, o que nos distancia e o que nos difere?

Quem?	O que?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participantes	Responder o que foi solicitado e depositar o papel dobrado no saquinho para sorteio.
Participantes	Sortear um papel.
Sorteado	Fazer uma breve apresentação, no máximo 3 minutos para cada. Abordando: quem eu sou, quem eu queria ser, como lido com situações que envolve tomar decisões.

Participantes	Socializar o perfil do sorteado pelos pontos elencados.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o quê hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **Perfis dos Sujeitos**.

Explicar o que é a definição dos tipos dos perfis (ANEXO B) e a importância desse tema quando pensamos no trabalho do Conselho Escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre os tipos de perfis

no trabalho do Conselho Escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- Como você se aproxima das pessoas?
- Como você lida em situações que precisa ter alguma ação?
- Como são as relações com as pessoas no seu trabalho/ na escola?
- Como você lida com conflitos?
- Como entender o processo ajuda na tomada de decisão?
- Como entender o outro e a si mesmo pode ajudar no respeito as diferenças?
- Como criar vínculos com quem é extremamente diferente de mim?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como identificar os diferentes tipos de perfis dos sujeitos fortalece uma comunidade para entender que as diferenças são potencializadores e não podem, nem devem, ser usadas para distanciar as pessoas do espaço ou de determinado grupo. Que quando não fazemos esse processo de identificação, as relações ficam frágeis, principalmente pela frustração de requerer do outro algo que ele não consegue oferecer naquele dado momento.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse primeiro encontro mostrar a importância de definir os diferentes tipos de perfis entre os membros de um grupo.

Como objetivos específicos, temos:

- Evidenciar pontos em comum mesmo em pessoas diferentes;
- Entender suas potencialidades e limitações; e
- Estreitar laços com pessoas de um mesmo grupo/coletivo.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- 1 saco para o sorteio
- Folha impressa com as perguntas para o sorteio (ANEXO A)
- Folha impressa com o conteúdo (ANEXO B)

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Segundo encontro

O segundo encontro é o momento de (re)conhecimento do Conselho e os sujeitos na sua constituição. É a atividade do grupo com foco de aprendizagem para além do conhecer os participantes do seu grupo, nesse espaço é que se deverá consolidar as primeiras aprendizagens sobre a temática abordada.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do segundo encontro será o **conceito e os sujeitos no Conselho Escolar**. Compreender o que é esse colegiado e os agentes que fomentam e/ou viabilizam suas ações é fundamental para começar o processo de identificação sobre sua importância, e posteriormente começar a pensar em práticas para estimular a participação de todos.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas

sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Quem sou eu?”

Os participantes serão separados em trios ou quartetos, sempre pensando na disposição de um aluno, um familiar e algum adulto do corpo escolar, e deverão ler as regras do jogo e estabelecer como será definido quem começa a jogar. Assim, cada grupo deverá jogar o jogo até ter um “ganhador” que será quem completar o maior número de pontos ao finalizar as cartas.

Após essa interação, todo participante, terá um dado tempo, no máximo 2 minutos, para direcionar uma breve reflexão, com a finalidade de observar o que já tinha algum dado conhecimento ou não.

Todos devem ao final sentar na roda de conversa e poder escutar o que é dito pelo outro. Caso alguém não se sinta confortável em oralizar, pode apenas indicar algum ponto que chamou sua atenção na dinâmica. O tempo desse participante deve ser respeitado com o restante do grupo aguardando passar o tempo em silêncio.

Quando todos tiverem feito a dinâmica, o facilitador deve pedir para que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre quantas coisas foram ditas: o que é o Conselho Escolar? O que eu já sabia? O que foi novidade para mim?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado.
Participantes	Participar do jogo.
Participantes	Fazer o que é pedido: falar na roda de conversa suas percepções.

Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.
--------------------	--

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após, o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **conceito e os sujeitos no Conselho Escolar**.

Explicar o que é, as funções dos sujeitos e o próprio Estatuto do Conselho Escolar (ANEXO C) e a importância de compreender esses temas para entender a atuação desse colegiado no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre o conceito e os

sujeitos no Conselho Escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- O que é o Conselho Escolar?
- Como funciona um colegiado?
- Quem são as pessoas que participam desse colegiado?
- Como funciona o Conselho Escolar na nossa escola?
- Quem participa do Conselho Escolar?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como o Conselho Escolar é importante no funcionamento da escola. Com isso, as relações se tornam mais fluídas, mesmo que não haja essa percepção de imediato: afinal, quando há a representatividade de todos os segmentos de um dado local, as pessoas se sentem acolhidas, respeitadas e seguras para expor e sugerir pontos de melhoria. Tudo isso, vai gerando um aglomerado de sentimentos no indivíduo e na sua percepção com o coletivo, o que acaba por incentivar sua participação.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse segundo encontro conceitualizar e exemplificar o que é o Conselho Escolar e quem participa desse colegiado.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é o Conselho Escolar;
- Estabelecer os sujeitos e suas funções nesse colegiado; e
- Exemplificar as ações e a importância de um Conselho Escolar.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- Fichas com as perguntas
- Lápis
- Folhas sulfite

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Terceiro encontro

O terceiro encontro é o momento de estabelecer novas possibilidades para as relações que temos. É na constituição da cultura colaborativa que o grupo se fortifica como tal, e é pela escuta ativa que se fortalece os laços entre o “eu com o outro” e o “outro com nós”, tão importante na constituição do Conselho Escolar.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do terceiro encontro será a **participação no Conselho Escolar**. A escuta ativa é um modo de tornar os diálogos mais eficientes, através do empenho em escutar e compreender o que o outro tem a dizer, para além do conteúdo da fala, mas ampliando para o corpo, o gesto, os tons, os olhares e tudo mais que comunique algo durante um diálogo. Complementarmente, quando escutamos ativamente, há a possibilidade de consolidar a cultura colaborativa que consiste na participação de todos, em todos os processos e partes, com suas ideias e sugestões.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Tapete Mágico”

A ideia é focar na importância de prestar atenção no que é dito pelo outro, e como essa escuta auxilia no trabalho de um grupo, ou seja, enfatizar o tema do dia. Os participantes devem ficar em grupos (essa definição pode ser feita pelo facilitador). Os participantes devem, em conjunto, definir como realizarão o que for solicitado.

A dinâmica consiste em pegar pedaços de papelão que serão nossos “tapetes mágicos”. Cada grupo receberá dois “tapetes mágicos”, de forma que seus integrantes caibam de pé sobre um deles, assim, deverão em conjunto estabelecer as estratégias, táticas e/ou modos de fazer a travessia na sala, ou área demarcada, sem que nenhum dos integrantes pise no chão. Ou seja, todo grupo desenvolverá estratégias para que a passagem dos integrantes, até o fim do percurso, através de um tapete (cheio) para o próximo (vazio) seja concretizada.

Quando todos tiverem participado e os percursos finalizados, o facilitador deve pedir que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre a dinâmica: pensar, escutar e permitir que todos se manifestem em momentos de tensão é uma tarefa complicada, então o trabalho com todos é realmente possível?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participantes	Escutar com atenção o que é solicitado e participar da dinâmica.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **a participação no Conselho Escolar**.

Explicar o qual a importância da participação de todos os segmentos no Conselho Escolar (ANEXO E) e como essa prática é fundamental no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantaram hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre a participação no Conselho Escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

– O que é ser participativo?

– Me sinto representado em todos os espaços?

- As pessoas participam de todos os espaços? Por quê?
- Qual segmento da escola você acredita fazer parte?
- É fácil escutar a todos?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como a escuta ativa não é uma ferramenta fácil, nem inerente (já se nasce sabendo) as pessoas. É algo que precisa ser trabalhado e treinado. A escuta ativa auxilia no entendimento da participação de todos porque pensando na representatividade, é garantir que todo participante tenha direito à expressar como as coisas o afetam, como isso é comunicado, e as propostas de intervenção para aquela dada demanda. A participação vai além de pensar os deveres de cada um, mas é pensar em como todos têm que ser parte de tudo, assim como trazer as pessoas para o todo, saber lidar com as diferenças e respeitar o tempo de cada um; além de entender como a personalidade (tipos de perfis, trabalhado no primeiro encontro) de cada pessoa pode, e deve, ser agregada para somar no que é proposto.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse terceiro encontro evidenciar como a participação de todos é fundamental na constituição do Conselho Escolar.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é escuta ativa e os processos participativos;
- Estabelecer o que é a participação;
- Exemplificar abordagens de trabalho colaborativo.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos Materiais

- Caixas de papelão

Avaliação

Após o término do último encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades na oficina para discussão de pontos favoráveis e desfavoráveis no decorrer dessa proposta: o que foi alcançado e o que ficou com lacunas. Após esse levantamento, construir um documento com tudo que foi validado e o que ainda necessita ser articulado. Com esses pontos, considerar agregar essas informações na próxima reformulação do Projeto Político Pedagógico, para validar tudo que foi um impacto positivo e o que ainda necessita de maiores intervenções, como a ser trabalhado, o desafio da escola.

Com os membros da comunidade, fazer assembleias e definir o que foi tirado de proveitoso que pode ser consolidado como normas para a escola, tanto de deveres como direitos, pensando no espaço como democrático. E levantar pontos que acreditam que podem ter novas abordagens para serem sanados porque ainda são uma demanda emergente na escola.

Quarto encontro

O quarto encontro deve ser pensado com a programação de palestras e *workshops* formativos (ANEXO J), visto a imensidade de temáticas, específicas e coletivas, importantes para a fundamentação e consolidação do Conselho Escolar.

Continuidade

Poderá haver mais encontros, considerando convidar especialistas na área, como psicólogos, assistentes sociais, pesquisadores da área, professores, articuladores sociais que tenham projetos na temática, entre outros.

Além disso, as rodas de conversas e os encontros podem, e deveriam, ser continuadas durante todo o período letivo; a fim de trazer novas abordagens, aprofundar os conceitos e poder compartilhar as vivências e as demandas que forem surgindo, possibilitando intervenções contínuas.

MATERIAL DE APOIO

Para entender um pouco mais, sobre as temáticas: Conselho Escolar, suas normativas e funções; recomendamos os seguintes materiais de apoio

Livros



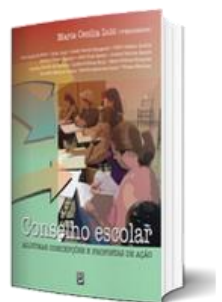
LUIZ, M. C (Org.). *Escola constituída com participação: conselho escolar*. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



LUIZ, M. C. *Conselho Escolar e as possibilidades de diálogo e convivência: o desafio da violência na escola*. São Carlos: EDUFSCar, 2016. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



LUIZ, M. C. (Org.) *Conselho escolar e a diversidade: por uma escola mais democrática*. São Carlos: EDUFSCar, 2013. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



LUIZ, M. C. (Org.) *Conselho escolar: algumas concepções e propostas de ação*. São Paulo: Xamã, 2010. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.

Vídeos

GEPESC. Papel do Conselho Escolar na gestão democrática da escola. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://youtu.be/9_w72mimKXw?si=rfZWga_pjZD6wSVA

GEPESC. As funções do Conselho Escolar. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: <https://www.youtube.com/live/-npTiFohfHE?si=E1qf-3dFEisrFOCN>

GEPESC. Constituição, Organização e Funcionamento dos Conselhos Escolares. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/live/IM08aH9cSWQ?si=xykMCTV_OfGT3ON-

GEPESC. A Importância da participação dos familiares no Conselho Escolar. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/live/or6kZzx_Tes?si=mKapv6bEZkSCemwR

GEPESC. Conselho escolar e a gestão democrática da educação. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/live/d_IQxrOgRBk?si=tD928tVMw3uZRX-r

Curso



GEPESC. Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. *Formação em Conselhos Escolares*. Brasília: SEB/MEC, 2023. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/>

ANEXOS

Nesse espaço teremos os materiais (escritos ou visuais) necessários para a oficina.

ANEXO A: Dinâmica sobre os tipos de perfis

<i>Esses são os pontos que me identifico</i>	<i>Esses são os pontos que me identifico</i>
<i>Esses são os pontos que me identifico</i>	<i>Esses são os pontos que me identifico</i>

ANEXO B: Conselho Escolar e os perfis dos sujeitos

O conselho escolar desempenha um papel crucial na gestão e desenvolvimento das escolas. É uma instância de participação e tomada de decisões que envolve pais, professores, funcionários e, em alguns casos, membros da comunidade local. O conselho escolar é responsável por aconselhar a administração da escola, ajudar na elaboração de políticas educacionais, aprovar orçamentos e promover a comunicação entre a escola e a comunidade. Sua participação ativa promove uma maior transparência e envolvimento na educação dos alunos.

Assim, as pessoas que participam desse colegiado contribuem diretamente para a organicidade escolar, assim é importante saber definir qual o perfil do indivíduo para compreender se a função que pretende assumir corresponde ao que melhor pode desenvolver. Os tipos de perfis, estão detalhados abaixo.

PERFIL SONHADOR: Como o nome já diz, é movido por sonhos. Ele é impulsionado por uma grande força, uma ideia ou um plano que ele pensou e que acredita que trará benefícios a todos à sua volta quando realizado. Tem uma mente inquieta, está sempre pensando em uma nova oportunidade de investir em algo, construir, e é muito ligado nas oportunidades. Para este perfil o significado e o prazer proporcionado pelas coisas que ele faz são muito importantes. Seus sonhos são sempre construídos em cima de valores e fortes crenças pessoais e por isso o sonhador é resiliente – mesmo quando seus planos não saem como esperado ele permanece orgulhoso, otimista, e acreditando no futuro.

PERFIL REALIZADOR: O perfil realizador é dotado de extrema autoconfiança, esse tipo de profissional é dominante e, em casos extremos, pode ser autoritário e ditatorial. Aceita e se dá bem com desafios e dificuldades, possui senso de competitividade extremo e costuma ser corajoso em suas posturas e ao defender seus pontos de vista.

PERFIL CELEBRADOR: É uma pessoa comunicativa e geralmente dotada de grande carisma e poder de persuasão. Mostra-se sempre entusiasmada com projetos e novidades, tende a ser muito otimista e relaciona-se com facilidade.

PERFIL PLANEJADOR: Pessoas planejadoras são estáveis e pacientes, de ritmo constante e alto grau de conservadorismo. Dificilmente entram em pânico, mas têm uma pequena capacidade de improviso.

ANEXO C: O que é e os sujeitos no Conselho Escolar

O que é o Conselho Escolar?

No Brasil, o Conselho Escolar é um órgão colegiado de caráter consultivo, deliberativo, normativo e fiscalizador, presente nas escolas públicas de educação básica, com a finalidade de promover a gestão democrática e a participação da comunidade escolar na tomada de decisões. Suas normativas legais estão fundamentadas em legislações federais e podem variar de acordo com estados e municípios, mas existem diretrizes gerais estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e pela Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 4/2010.

Aqui estão alguns postos-chave relacionados ao Conselho Escolar e suas normativas legais no Brasil:

1. **Composição:** O Conselho Escolar é composto por membros representativos da comunidade escolar, incluindo pais ou responsáveis pelos alunos, professores, funcionários da escola e, em alguns casos, alunos maiores de 16 anos. A quantidade de membros e a forma de seleção podem variar de acordo com a legislação estadual e municipal.
2. **Funções:** As principais funções do Conselho Escolar incluem:
 - Participar na elaboração e acompanhamento do projeto político-pedagógico da escola.
 - Colaborar na definição de prioridades para a aplicação dos recursos financeiros da escola.
 - Acompanhar e avaliar as ações da escola, buscando a melhoria da qualidade do ensino.
 - Propor e discutir medidas para solucionar problemas e melhorar o desempenho da escola.
 - Contribuir para a integração da escola com a comunidade local.
3. **Normativas Legais:** A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 14, estabelece a obrigatoriedade da existência de Conselhos Escolares em todas as escolas públicas de educação básica. A Resolução CNE nº 4/2010, por sua vez, estabelece diretrizes nacionais para a implementação e funcionamento dos Conselhos Escolares.
4. **Regulamentações Estaduais e Municipais:** Além das normativas federais, estados e municípios brasileiros podem criar regulamentações específicas para os Conselhos Escolares, adaptando as diretrizes gerais à sua realidade local. Portanto, é

importante consultar a legislação estadual e municipal para obter informações detalhadas sobre as normativas que regem o Conselho Escolar em uma determinada região.

O Conselho Escolar desempenha um papel fundamental na promoção da gestão democrática e na participação da comunidade escolar na tomada de decisões relacionadas à escola, contribuindo para o aprimoramento da qualidade da educação. Sua estrutura e funcionamento podem variar, mas a sua importância como instrumento de participação e controle social na educação é destacada em todo o país.

Também pode ser abordado o Estatuto do Conselho Escolar e a Lei nº 14.644 de 02/08/2023, disponíveis nos *links* abaixo:

Estatuto do Conselho Escolar:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/pr_lond_sttt.pdf

Lei nº 14.644 de 02/08/2023:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14644.htm

ANEXO D: Dinâmica sobre o jogo “Quem sou eu?”

MATERIAIS PARA O JOGO

Os materiais necessários para confeccionar os cartões do jogo quem sou eu são:

- Papel (você pode até mesmo utilizar papel de rascunho)
- Tesoura (se for jogar com crianças, utilize a tesoura sem ponta)
- Caneta ou lápis (para escrever o seu “sujeito”)
- Fita adesiva

CATEGORIAS PARA O JOGO

Você deve fazer esse jogo de adivinhar com categorias, com a orientação a seguir, confira:

- diretor;
- representante da equipe pedagógica;
- representante do corpo docente (professores);
- representante da equipe técnico-administrativa e assistentes de execução;
- representante da equipe auxiliar operacional;
- representante dos pais de alunos ou responsáveis;
- representante do Grêmio Estudantil ou alunos (apenas quando o Grêmio não estiver instituído);
- representante da APMF;
- representante dos movimentos sociais organizados da comunidade (Associação de Moradores, Sindicatos, Instituições Religiosas, Conselhos Comunitários, Conselho de Saúde, entre outros).

IMPORTANTE: O facilitador deve explicar um pouco de cada categoria dessas que compõe o Conselho Escolar

PRODUÇÃO PARA O JOGO

Veja como a seguir:

1. Corte a folha de papel em pedaços retangulares;
2. Com a categoria em mente, escreva os nomes escolhidos (da categoria explicitada anteriormente nesse anexo) em cada cartão. O número de cartões e de participantes da brincadeira deve ser igual;

3. Após sortear e distribuir os cartões, dê aos jogadores uma tira de fita adesiva para que cada um possa colar seu cartão na testa, sem ver o que está escrito. Isso é muito importante!

IMPORTANTE: As pessoas devem participar da elaboração das cartas e do material para o jogo, esse processo ajuda no entendimento do quão importante é a participação de todos nos processos aos quais estarão inseridos.

COMO JOGAR?

Feitos os cartões, vamos ao jogo. Para jogar quem sou eu, as regras são muito simples: cada participante deverá ter o cartão colado na testa e os outros deverão dar pistas até que ele adivinhe o nome escrito no papel. No, é interessante fazer perguntas para quem sou eu mais gerais, como por exemplo:

- Trabalho na escola?
- Tenho filhos?
- Planejo aulas?
- Oriento os professores?

Essas perguntas básicas serão a chave para ter mais pistas sobre quem se é na categoria.

QUEM PONTUA?

Quando o jogador acerta quem ele é, ele é o participante da brincadeira que pontua, devendo todos recomeçar escolhendo novos cartões e repetindo o processo.

ANEXO E: A participação no Conselho Escolar

A participação é um pilar fundamental da democracia e desempenha um papel crucial na tomada de decisões eficazes e na construção de comunidades fortes. Quando aplicada ao contexto educacional, a participação ganha vida por meio do Conselho Escolar, um órgão colegiado composto por representantes da comunidade escolar, como pais, professores, funcionários e, em alguns casos, alunos. Este conselho serve como um exemplo notável de como a participação, a escuta ativa e o trabalho colaborativo se entrelaçam para enriquecer a gestão escolar e melhorar a qualidade da educação.

A participação no Conselho Escolar significa que cada membro tem a oportunidade de contribuir ativamente para as decisões que afetam a escola. Pais e responsáveis podem compartilhar suas perspectivas e preocupações sobre o ambiente de aprendizado de seus filhos, enquanto professores e funcionários podem oferecer insights valiosos sobre questões pedagógicas e operacionais. Alunos, quando envolvidos, trazem uma visão única sobre as necessidades e expectativas dos estudantes.

A escuta ativa é uma habilidade essencial nesse contexto. Significa ouvir com empatia e atenção genuína, buscando compreender as preocupações e opiniões de todos os membros do Conselho. Através da escuta ativa, é possível criar um ambiente de confiança e respeito, onde cada voz é valorizada. Quando todos se sentem ouvidos e respeitados, estão mais dispostos a contribuir de maneira construtiva.

O trabalho colaborativo é o próximo passo natural. Quando membros do Conselho Escolar compartilham ideias, conhecimento e experiência, podem desenvolver soluções mais abrangentes e eficazes para os desafios que a escola enfrenta. A colaboração envolve a criação de políticas e estratégias que beneficiam toda a comunidade escolar. Essa abordagem ampla e inclusiva é essencial para atender às necessidades variadas e complexas da educação.

A importância da participação de todos os membros no Conselho Escolar não pode ser subestimada. Quando pais, professores, funcionários e alunos se unem, criam um ambiente propício para a melhoria contínua. A educação de qualidade é uma responsabilidade compartilhada e, através da participação ativa, da escuta ativa e do trabalho colaborativo, é possível criar escolas mais eficazes e envolventes que prepararão os alunos para um futuro de sucesso. Portanto, o Conselho Escolar é mais do que um órgão consultivo; é uma representação viva da democracia na educação, onde todos têm um papel importante a desempenhar.

A trilha formativa dessa oficina perpassa por (1) estabelecer os perfis de cada participante; (2) identificar e reconhecer o que é o Conselho Escolar; (3) entender a escuta ativa e como criar uma cultura colaborativa; e por fim como a (4) participação de todos é um dos pilares fundamentais desse colegiado.

PROPOSTA NA OFICINA

PERFIS DOS SUJEITOS

CONSELHO ESCOLAR

REPRESENTATIVIDADE



A participação no Conselho Escolar envolve a contribuição ativa de membros da comunidade escolar na tomada de decisões e na gestão da escola, promovendo a democracia e a melhoria da educação.

O Conselho Escolar é um colegiado de gestão democrática!
Conheça. Faça Parte. Represente. Escute. Pertença.

ANEXO G: Organização dos encontros

Para auxiliar na organização dos encontros, segue abaixo, uma sugestão de gestão de tempo, direcionando uma possibilidade de construção para cada dia/encontro.

IMPORTANTE

- Um encontro deve durar no máximo 2 horas.
- Todos devem ter o mesmo tempo para se expressarem, isso deve ser definido antes do começo da dinâmica.
- Não deve haver julgamentos, mas mediações (caso necessário).
- Definir as regras de participação no começo do dia, como, por exemplo, “*para falar levantar a mão, e será seguido a ordem de levantamento para ordenação de quem fala primeiro*”.

PESSOA	TEMPO	AÇÃO
Facilitador	Antes do encontro	Organizar o espaço
Facilitador	Começo do encontro	Receber as pessoas/acolhimento
Facilitador	Antes da dinâmica	Explicar o que será feito
Participantes	3 minutos (no máximo)	Realizar o que é pedido na dinâmica
Facilitador	Após a dinâmica (2 minutos)	Instigar com perguntas reflexivas
Facilitador	2 minutos	Indagar sobre e explicar o tema
Participantes	20 minutos	Falar as hipóteses que tem/acreditam
Facilitador	15 minutos	Explanar e explicar o tema do encontro
Facilitador	Após a explanação (2 minutos)	Abrir a roda de conversa com perguntas para instigar
Participantes	60 minutos	Participar com suas vivências no que é perguntado
Facilitador	Durante a roda de conversa	Fazer mediações durante as colocações das pessoas
Facilitador	Após a roda de conversa	Fazer um fechamento de tudo que foi dito
Facilitador	No fim do encontro	Finalizar o encontro
Participantes	No fim (5 minutos)	Se despedirem ou um espaço-tempo para perguntarem

ANEXO H: Avaliação dos facilitadores

Essa é uma proposta de avaliação para ser utilizada pelos facilitadores. Também serve para sintetização do que ocorreu nos encontros, pontos a serem reforçados e/ou retomados.

Antes do encontro		
Escolha uma opção (Se sim, continue) (Se não, mude)		Perguntas
Sim	Não	Consegui organizar o espaço?
Sim	Não	Consegui fazer o acolhimento com os participantes?
Durante o encontro		
Sim	Não	Expliquei a dinâmica?
Sim	Não	Consegui conduzir a dinâmica?
Sim	Não	Consegui tirar as dúvidas?
Sim	Não	Consegui fazer mediações quando foi necessário?
Sim	Não	Expliquei o tema/conteúdo do encontro?
Sim	Não	Conduzi a roda de conversa de modo satisfatório?
Sim	Não	Fiz julgamentos pessoais?
Sim	Não	Conduzi um fechamento para a temática?
Sim	Não	Ficou alguma pendência para o próximo encontro?
Sim	Não	Finalizei o encontro?
Sim	Não	Lembrei de convidar todos para o próximo encontro?
Após o encontro		
Sim	Não	Anotei assuntos que quero retomar?
Sim	Não	Consegui abordar o tema do dia/encontro com facilidade?
Sim	Não	Arrumei tudo o que preciso para o próximo encontro?

ANEXO I: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo

Abaixo, segue uma proposta de continuidade da oficina para todo o ano letivo.

Duração: 8 meses (4 bimestres), pode ser dimensionado (diminuído) conforme necessidade da unidade escolar

Encontros: 1 encontro semanal ou, no máximo, quinzenal.

Organização: 4 encontros (no máximo) por mês.

Oficina: Pode ser dividida em encontros, com vários momentos, ou por cada encontro ter um momento específico abordado, como: palestras, rodas de conversa, dinâmicas e afins.

Para o momento de palestra/exposição do conteúdo pode ser chamado especialistas na área. (Como assistentes sociais, psicólogos, conselheiros, coordenadores de projetos sociais, etc.)

Finalização: As demandas que surgirem no decorrer da oficina, como observação de algo que já ocorre, pode ser reformulado como propostas de intervenção e apresentadas para constituírem o Projeto Político Pedagógico da escola, como algo que é um desafio da unidade escolar e as ações que serão feitas para resolução.

MESES	TEMAS			
1º mês	Conselho Escolar O que é e qual a importância do Conselho Escolar?	Conselho Escolar Como se consolida um Conselho Escolar?	Conselho Escolar Quem Participa do Conselho Escolar?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
2º mês	Função do Conselho Escolar O que são as funções deliberativa e consultiva do Conselho Escolar?	Função do Conselho Escolar O que são as funções mobilizadoras e pedagógicas do Conselho Escolar?	Função do Conselho Escolar O que são as funções fiscal e financeira do Conselho Escolar?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.

3º mês	Organização do Conselho Escolar Como elaborar o Regimento Interno do Conselho Escolar?	Organização do Conselho Escolar Como registrar a ata das reuniões do Conselho Escolar?	Organização do Conselho Escolar Quais são as documentações do Conselho Escolar, como redigir, armazenar e divulgar para a comunidade?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
4º mês	Pessoas no Conselho Escolar Quais as funções dentro do Conselho Escolar?	Pessoas no Conselho Escolar O que um Conselheiro Escolar faz?	Pessoas no Conselho Escolar Como escutar e falar com os segmentos da escola?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
5º mês	Cultura colaborativa O que é a cultura colaborativa e como construir um trabalho colaborativo?	Cultura colaborativa Como trabalhar em grupo respeitando as diferenças?	Eleições Como é realizada as eleições no Conselho Escolar?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
6º mês	Comunicação não-violenta O que é a comunicação não-violenta?	Comunicação não-violenta Como lidar com as diferenças nas relações na escola e no Conselho Escolar?	Comunicação não-violenta O que é e a importância da empatia nas relações?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
7º mês	Legislações e o Conselho Escolar Quais as leis, diretrizes e/ou normativas que regem o Conselho Escolar?	Prestação de contas Quais os tipos e como acompanhar as prestações de contas da unidade escolar?	Relações familiares e na escola Quais as diferenças e similaridades entre as relações familiares e no contexto escolar?	Conselho Escolar Encontro de todos os segmentos da escola para socializar o que foi trabalhado.
8º mês	Finalização	Finalização	Finalização	Finalização

	<p>Recapitular tudo o que foi debatido.</p> <p>O que aprendemos com essa oficina?</p>	<p>Espaço livre (pode ou não ser usado) para demandas que a unidade escolar tiver sobre a temática.</p>	<p>Debates com toda a unidade escolar sobre as demandas do Conselho Escolar.</p>	<p>Encaminhamentos para o Projeto Político Pedagógico (PPP).</p>
--	---	--	---	---

